

Representações sociais da União Europeia em jovens portugueses

Joana MIRANDA
(Universidade Aberta)

A integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia em 1986 e o processo que desde então se desenvolveu, tiveram, necessariamente, implicações a nível das representações da União por parte dos portugueses. É possível admitir que as representações de hoje são distintas das anteriores à integração, das presentes no momento da integração e das que se desenvolverão num futuro próximo. Reconhecendo o carácter dinâmico das representações, apenas nos propomos analisar as representações por nós encontradas num estudo conduzido no ano lectivo de 1994/95.¹

1. Breve contextualização teórica

O conceito de representação social é um conceito complexo, situado numa encruzilhada de conceitos sociológicos e psicológicos. Elaborado por Durkheim no âmbito da Sociologia, vem a ser "reabilitado" e desenvolvido por Moscovici (1978) no domínio da Psicologia Social.

A representação resulta de um processo de elaboração/leitura do real, o qual implica quer elaboração individual quer elaboração social.² Constitui uma forma de conhecimento específico, o saber do senso comum, por oposição ao científico ou, em sentido mais amplo, uma forma de pensamento social. Inclui três elementos fundamentais (Moscovici, 1978): Informação-nome e organização dos conhecimentos sobre o objecto de representação, sendo possível distinguir e definir níveis de conhecimento com base na quantidade de informação relativa ao objecto e à qualidade dessa mesma informação. Atitude-expressa a orientação global, positiva ou negativa, face ao objecto da representação. Compreende-se que seja muitas vezes o elemento fundamental, uma vez que nos informamos e representamos alguma coisa depois de sobre ela termos tomado uma posição. Constitui o aspecto mais afectivo da representação. Campo de representação — "conteúdo concreto e limitado das proposições sobre um aspecto preciso do objecto de representação" (Moscovici, 1976, citado por Neto, 1986:349-350). Constitui o aspecto imagético da representação, a construção significativa que é feita do objecto, integrando e interpretando as informações de que o sujeito dispõe. Pode-se assim, falar em elementos centrais (núcleo) que organizam e conferem sentido aos elementos periféricos.

A representação tem uma função de simplificação, de esquematização do ambiente, de forma a que o indivíduo se possa reconhecer no seio da diversidade e da mudança. Está estreitamente relacionada com o comportamento, podendo ser-lhe anterior (na Alemanha Nazi, as representações desfavoráveis dos judeus precederam e estimularam as perseguições que vieram a ser desenvolvidas), ou posterior (situações de conflito entre países conduzem, habitualmente, a representações negativas mútuas).

Determinados estudos procuraram analisar as representações dos jovens da União Europeia. É o caso do estudo de Dorai e Deschamps (1991) em que os autores compararam as representações de dois grupos de estudantes, um pertencente à União (francês) e o outro a ela exterior (suíço). Constataram que os estudantes franceses detinham uma imagem positiva da União e se perspectivavam enquanto membros de uma entidade ainda em construção. Os estudantes suíços, pelo contrário, detinham uma imagem negativa da União, a qual seria provavelmente determinada pela posição de neutralidade que este país ocupa no seio da Europa. Parece, assim,

diferente o olhar dos europeus que pertencem à União e o olhar dos europeus que a ela não pertencem, e cuja eventual pertença é perspectivada pelos próprios como passível de ameaçar a posse dos actuais privilégios. Interessantes são também os estudos que analisam as posições dos não europeus face à União (ver, por exemplo, Yan, 1991).

A representação não é uniforme no seio de um dado país, variando em função de diversos factores. Dorai e Deschamps (1991) constataram que as posições sociais dos indivíduos influenciam a sua percepção da União. No entanto, para a maioria dos sujeitos (e independentemente da sua origem) aquela suscita sentimentos ambivalentes-geradora de solidariedade entre os países membros, capaz de proporcionar mais liberdades e mais oportunidades de emprego, de conduzir à perda de identidades nacionais, sem qualquer projecto comum e língua comum...

Processos de integração de entidades nacionais em supra-nacionais são raros e talvez por isso mesmo existam poucos estudos relativos às consequências de processos desse tipo a nível do comportamento dos indivíduos e das sociedades e, nomeadamente, a nível das representações sociais. É precisamente por se tratar de um processo raro e actual, que a questão das representações que os indivíduos de um país (neste caso, os estudantes portugueses) têm da União em que esse país está integrado, se revela uma questão pertinente e que nos propusemos analisá-la num estudo que teve por base as seguintes hipóteses: Hipótese 1-As atitudes dos jovens face à União são tendencialmente positivas; hipótese 2- Não existem diferenças entre sexos nas atitudes dos sujeitos face à União; hipótese 3-Determinados países são tendencialmente perspectivados como lucrando com a integração e outros como perdendo; hipótese 4-Determinados sectores/grupos profissionais são tendencialmente perspectivados como lucrando com a integração e outros como perdendo e hipótese 5-O grau de informação de que os sujeitos dispõem sobre a União é elevado.

2. Método

O estudo é baseado na aplicação de um questionário a uma amostra de estudantes e foi constituído com base na análise de documentação relativa à União e posterior identificação dos aspectos considerados mais pertinentes. Inclui quatro partes:

Parte I – Objectivo - Analisar as atitudes dos jovens face à União Europeia.

Tarefa do sujeito - Classificar vinte e dois itens relativos à União (onze itens favoráveis alternando com onze desfavoráveis) de acordo com uma escala de cinco pontos, em que: 1-Discordo plenamente, 2-Discordo, 3-Nem concordo nem discordo, 4-Concordo e 5-Concordo plenamente.

Parte II – Objectivo - Determinar quais os países perspectivados como lucrando mais e menos com a integração na União.

Tarefa do sujeito - O sujeito só responde à questão se considerar que determinados países lucram mais do que outros com a integração. Neste caso deve assinalar os países que lucram mais e aqueles que lucram menos ou que perdem, o país que, de entre todos, mais lucra e o que, de entre todos, menos lucra, justificando as suas escolhas.

Parte III – Objectivo - Determinar quais os sectores/classes profissionais perspectivados como lucrando mais e menos com a integração na União.

Tarefa do sujeito - O sujeito só responde à questão se considerar que determinados sectores/classes profissionais lucram mais do que outros com a integração. Neste caso, deve assinalar

quais os que lucram mais e quais os que lucram menos ou perdem. Tem a possibilidade de acrescentar outros sectores/classes que considere pertinentes.

Parte IV – Objectivo - Avaliar o grau de informação de que os jovens dispõem sobre a União.

Tarefa do sujeito - Responder a dez questões de escolha múltipla (cada uma envolvendo quatro alternativas de resposta).

Os questionários são aplicados, no ano lectivo de 1994/95, a oitenta sujeitos (quarenta rapazes e quarenta raparigas), com idades compreendidas entre os catorze e os dezanove anos, frequentando os 10º e 11º anos de escolaridade em quatro escolas secundárias da região da Grande Lisboa.

3. Resultados

A análise dos resultados foi realizada com o programa "Statistical Package for Social Sciences" (SPSS-PC, versão 3.1). Apenas são mencionados os principais resultados encontrados.

Precisão da escala atitudinal - Os coeficientes de correlação interna encontrados são bastante elevados, revelando-se a escala adequada. Dos vinte e dois itens são seleccionados os treze que apresentam correlações positivas superiores a 0.25 (se se tivesse adoptado um valor mais elevado a escala teria ficado muito reduzida).

Análise de itens da escala atitudinal - O valor atitudinal médio face a cada item varia entre 2.675 (item 20: "Salvaguarda os meus interesses pessoais") e 4.263 (item 16: "Facilita a troca de informação entre os países"). Em termos gerais, os sujeitos encaram a União como (valores superiores a 3.5) trazendo benefícios aos países membros (item 2), proporcionando mais oportunidades de emprego (item 6), reforçando as liberdades e direitos do Homem (item 8), equilibrando a força dos blocos no mundo (item 10), favorecendo as trocas interculturais (item 14), facilitando a troca de informação entre os países (item 16), apresentando mais vantagens do que desvantagens (item 18) e representando uma etapa na conquista da paz (item 22). Em geral, os sujeitos não consideram que a União corra o risco de ser dominada pela Alemanha (item 3), coloque em risco o poder de cada país (item 9), diminua o nível de vida dos europeus (item 17) ou represente um assunto a que sejam indiferentes (item 21). A variabilidade atitudinal face a cada item, varia entre 0.775 (item 2: "Traz benefícios aos países membros") e 1.172 (item 21: "É um assunto que me deixa indiferente"). Atendendo a que o item 2 é um dos que apresentam a média mais elevada, podemos considerar que os sujeitos são unânimes ao considerarem que a União traz benefícios aos países membros (e isto apesar de tenderem a discordar que salvaguarda os seus interesses pessoais).

Diferenças entre sexos no índice atitudinal - As diferenças de atitudes entre sexos não são significativas. A probabilidade de serem devidas ao acaso é muito elevada ($p=0.754$). Em qualquer dos sexos, a atitude média é favorável (próxima do valor 4 numa escala de cinco pontos).

Correlação entre índice atitudinal e países que lucram/perdem - Revelam-se significativas as correlações entre: atitude favorável/Alemanha perder; atitude desfavorável/Alemanha ganhar; atitude favorável/Portugal ganhar e atitude desfavorável/Portugal perder.

Perdas/lucros para cada país-diferenças entre sexos - Enquanto que as raparigas têm tendência a considerar que a Alemanha perde com a pertença à União, os rapazes têm tendência a considerar que lucra. Atendendo a que \emptyset é elevado (0.38979), a associação em causa é, de facto, algo significativa.

Lucros para cada país (para cada sexo) - Uma elevada percentagem de sujeitos (56.3%) não se pronuncia relativamente aos lucros de nenhum dos países. Portugal é o país mais vezes considerado como lucrando (13.8%), seguido da Alemanha (8.8%) e da Grã-Bretanha (7.5%).

Perdas para cada país (para cada sexo) - Uma elevada percentagem de sujeitos (60%) não se pronuncia relativamente às perdas de nenhum dos países. Portugal é o país mais vezes considerado como perdendo (13.8%), seguido da Alemanha e da Grã-Bretanha (7.5%). Apesar de, atendendo às reduzidas dimensões das amostras, não termos realizado qualquer teste de análise das diferenças entre sexos a este nível, encontra-se uma tendência geral, apesar de tudo não muito nítida, para as raparigas considerarem que os países pequenos lucram e os grandes perdem e para os rapazes considerarem o oposto, isto é, que os pequenos perdem e os grandes lucram.

Perdas/lucros para cada sector/grupo profissional-diferenças entre sexos - Tendência geral para se considerar que os sectores da Agricultura (73.1%), da Banca (67.2%) e do Comércio (92.6%) lucram com a integração e que os sectores das Forças Armadas (66.1%) e dos Funcionários Públicos (63.9%) perdem com a integração. A única diferença entre sexos que, a este nível, se revela significativa, é a tendência das raparigas para considerarem que o patronato lucra e a dos rapazes para considerarem que perde.

Diferenças entre sexos no grau de informação - As diferenças não são significativas. É elevada a probabilidade ($p=0.585$) de serem devidas ao acaso. O grau de informação situa-se entre as seis e as sete respostas correctas.

Correlações entre o grau de informação e o índice atitudinal, os países que lucram/perdem e os sectores/grupos profissionais que lucram/perdem - Não existem correlações entre o grau de informação e o índice atitudinal. Os sujeitos mais informados têm tendência a considerar que a Bélgica e a Holanda perdem com a integração, que a Grécia lucra com a integração, que a Agricultura e os Trabalhadores lucram com a integração e que as Forças Armadas e os Funcionários Públicos perdem com a integração.

Precisão da escala de informação - O coeficiente de consistência interna é baixo (0.4212). Seria pelo menos desejável um valor da ordem dos 60%.

Frequências e percentagens para cada uma das quatro alternativas da escala de informação - O item que se revela mais fácil é o 8: "A integração comunitária tem como consequência [...]" (78.8% de acertos), sendo o item 2: "Uma das personalidades que esteve na base da CEE, foi [...]", o mais difícil (38.8% de acertos).

4. Discussão

Atendendo aos valores dos coeficientes de correlação encontrados, podemos considerar a escala atitudinal como bastante satisfatória e a de informação como não tão adequada. Sendo reduzido o número de itens da escala de informação e não sendo o valor da correlação item-total, critério de *per se* de exclusão de um item em testes de informação,³ nenhum dos itens da escala foi eliminado.

Compreende-se que a atitude face à União seja tendencialmente positiva (confirmação da hipótese 1). De facto, sendo a Europa enquanto unidade política e económica uma ideia nova dentro da Europa, procede-se a uma mobilização de meios (económicos-moeda única, culturais, diplomáticos, militares...) com vista a criar um novo ser-o Europeu e uma nova ideologia

regional-o Europeísmo. Os nacionais de cada país são, necessariamente, influenciados por esses meios. Mais do que possuírem cidadania europeia, um conjunto de direitos e deveres decorrentes do facto de pertencerem à União enquanto entidade política (a cidadania europeia não invalida a cidadania tal como esta é classicamente entendida), pretende-se que os europeus tenham identidade europeia.

Estudos relativos à perspetivação do Outro, indicam que aquele é colocado numa posição genericamente inferior. O fenómeno não é exclusivo do nível civilizacional de análise, sendo extensível a outros níveis, nomeadamente o grupal (ver, por exemplo, estudos de Caplow, citado por Horton & Hunt, 1980:7), que demonstram que os membros de dada organização tendem a sobrestimar o prestígio da organização a que pertencem) e o individual. A este nível, os estudos actuais da Psicologia Social sobre estereótipos (ver, por exemplo, os estudos de Tajfel) valorizam especialmente os fenómenos cognitivos subjacentes ao processo, nomeadamente, a categorização e a correlação ilusória. A atitude do português (ou do cidadão de qualquer outro país da União) face à União é a atitude de um indivíduo face a uma entidade que representa, simultaneamente, o Mesmo (a Europa também é Portugal) e o Outro (os outros países pertencentes, que não Portugal). Por isso mesmo se compreende que para além da genérica positividade, exista uma certa ambivalência.

Estudos da Psicologia Social relativos ao processo de categorização, revelam que em condições de categorização cruzada (pertença simultânea a duas categorias), a diferença entre o Mesmo e o Outro, encontrada em condições de categorização simples, tende a desvanecer-se.

Tal como esperado (hipótese 2) não se encontram diferenças entre sexos nas atitudes face à União. A correlação entre atitude favorável/Alemanha perder e atitude desfavorável/Alemanha ganhar, denota a relevância qua a Alemanha assume na orientação atitudinal e o facto de a Alemanha ser encarada de forma negativa. Tal é compreensível, atendendo à memória do nazismo, à eventual associação do país a partidos de extrema-direita conotados com manifestações de racismo e xenofobia e ao crescente destaque económico que o país está a assumir no seio da União. A correlação atitude favorável/Portugal ganhar e atitude desfavorável/Portugal perder, revela que a orientação atitudinal se associa à percepção de lucros/perdas do próprio país e que, assim sendo, a visão "nacionalista" se sobrepõe à "europeísta". Dificilmente explicável é o facto das raparigas manifestarem tendência para considerar que a Alemanha perde e de os rapazes manifestarem uma tendência inversa. Este resultado é, no entanto, compatível com a tendência das raparigas para considerarem que os países pequenos ganham e que os grandes perdem e para os rapazes considerarem o inverso. Portugal é simultaneamente considerado (seguido pela Alemanha e pela Inglaterra) o país que mais lucra com a integração e aquele que mais perde. Este resultado integra-se numa tendência mais geral para as atitudes se aproximarem de um de dois polos. Um polo segundo o qual lucram com a integração os países desenvolvidos/ricos⁴ (Alemanha, Espanha), exportadores (Alemanha), prestigiados (Grã-Bretanha) e com moeda forte (Grã-Bretanha). Não lucram/perdem com a integração, os países pouco desenvolvidos/pobres (Grécia, Holanda, Portugal), pouco exportadores (Portugal), pouco prestigiados (Portugal), com moeda fraca (Portugal), com inflação elevada (Itália), de pequena dimensão (Grécia, Portugal) e com dificuldades em suportar a concorrência (Grécia). Segundo este polo, a integração tende a acentuar as *décalages* existentes entre os países, ou seja, os que estão em melhor situação, tendem a ficar ainda melhor e os que estão em pior situação, tendem a ficar numa situação idêntica ou pior. É ainda neste polo que se enquadram as observações de alguns sujeitos: "[...] os países mais pequenos, que entravam em último lugar têm que se subjugar aos outros" ou ainda: "[...] a

Alemanha irá dominar o mundo nos próximos anos, não dando hipóteses aos outros países [...]”. Um outro polo segundo o qual lucram com a integração os países pouco desenvolvidos/pobres (Espanha, Grécia, Portugal), que recebem a ajuda dos outros (Portugal) e com inflação elevada (Grécia, Portugal). Não lucram/perdem com a integração os países desenvolvidos/ricos (Alemanha, França, Grã-Bretanha), que ajudam os outros (Alemanha, Grã-Bretanha) e com moeda forte (Grã-Bretanha). Segundo este polo, a integração tende a diminuir as *décalgas* existentes entre os países, ou seja, os que estão em melhor situação tendem a ficar pior e os que estão em pior, vão lucrar. Este resultado denota que os jovens se pronunciam sistematicamente mais relativamente a determinados países (Portugal enquanto pátria, Alemanha e Inglaterra enquanto países que se destacam económica ou politicamente na União) do que relativamente a outros.

Atendendo a que existe uma atitude geral ambivalente relativamente a muitos países, a hipótese 3 é infirmada, isto é, não se pode considerar que determinados países sejam tendencialmente perspectivados como lucrando mais com a integração e outros como perdendo. Determinados sectores/grupos profissionais são tendencialmente considerados como lucrando mais e menos com a integração (confirmação da hipótese 4). De entre os que mais lucram, incluem-se (por ordem crescente) a Banca, a Agricultura e o Comércio e de entre os que mais perdem (por ordem crescente), os Funcionários Públicos e as Forças Armadas. Tais considerações são, de resto, compatíveis com a informação veiculada pelos *media*. Relativamente à Agricultura, é comum falar-se dos subsídios aos agricultores, da elevada percentagem do orçamento da União dirigida à Agricultura... A única diferença entre sexos que se revela significativa a este nível, é a tendência das raparigas para considerarem que o Patronato ganha e que os Trabalhadores perdem e dos rapazes em considerarem o oposto. Esta tendência parece, numa primeira análise, pouco compatível com a já mencionada tendência das raparigas para considerarem que os países ricos perdem e que os pobres ganham. Assim sendo, as raparigas tendem a considerar que são os países mais desfavorecidos e os grupos profissionais mais favorecidos que ganham com a integração, sucedendo o inverso relativamente aos rapazes.

O grau de informação (situado entre as seis e as sete respostas correctas) é elevado (confirmação da hipótese 5), não se encontrando diferenças entre sexos relativamente ao mesmo.

A ausência de correlação entre o grau de informação e o índice atitudinal é compatível com o conceito de representação social enquanto entidade constituída por elementos independentes entre si.

Notas

¹ De então até ao momento presente, outros países passaram a integrar a União, países que não são obviamente incluídos neste estudo.

² Durkheim estabeleceu a distinção entre *representações colectivas*, 1855 (que mais tarde, em 1858, designa de *sociais*) e individuais, as quais seriam mais instáveis.

³ Um baixo valor de correlação item-total pode sugerir a necessidade de ter em atenção esse item (nomeadamente, apreciação do item por juizes qualificados na área a que o item se refere, análise do grau de dificuldade, ...) ou de introduzir novos itens que apelem ao mesmo domínio de conhecimento.

⁴ A adjectivação dos países apresentada é a realizada pelos jovens.

Bibliografia

- Belard, F. (1990, 15 de Dezembro). A legitimação da Europa. *Expresso*, 16.
- Castro Mendes, L.F. (1992, 28 de Março). Os limites da Europa. *Expresso*.
- Dorai, M. & Deschamps, J-C. (1991). Les représentations sociales de la CEE. Comparaisons de deux groupes d'étudiantes françaises et suisses. *Intercultures*, 12: 33-44.
- Ferreira, M. E. (Coord.). (1985). *Reflexões sobre história e cultura portuguesa*. Lisboa: I.P.E.D.
- Forma-Portugal e os Portugueses. (1989). Lisboa, Direcção Geral de Extensão Educativa, 35.
- Godinho, V. M. (1982). Identité culturelle et humanisme universalisant. Lisboa: I.P.E.D.
- Horton, P.B. & Hunt, Ch.L. (1980). *Sociologia*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Ladmiral, J-R. & Lipianky, E. (s.d). L'ouverture à l'altérité culturelle. In *La communication interculturelle*. Paris: Armand Colin.
- Moscovici, S. (1989). Des représentations collectives aux représentations sociales: Éléments pour une Histoire. In D. JODELET (Éd.). *Les représentations sociales*, Paris.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Neto, F. (1986). A migração portuguesa vivida e representada. Contribuição para o estudo dos projectos migratórios. Porto: Secretaria de Estado das Uniões Portuguesas.
- Neto, F. (1989). Représentations sociales de la migration portugaise: le regard des jeunes. In J. RETSCHITZKY et al. (Éds.). *La recherche interculturelle*. Paris: L'Harmattan, 1.
- Segall, M. (1979). Cultural contact and change. In *Cross-cultural psychology: Human behavior in global perspective*. Monterey: Brooks/Cole Publishing Company.
- Soares, M.G. (1990, 15 de Dezembro). As fronteiras naturais. *Expresso*, 14.
- Soares, M.G. (1990, 15 de Dezembro). Europa: redução à unidade. *Expresso*, 10-11.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25 (4): 79-97.
- Yan, Ch. (1991). Le monde européen vu par l'empire du milieu. *Intercultures*, 12: 45-56.